

SOBRE A ESTRUTURA DA VARIAÇÃO LEXICAL

Elementos de Lexicologia Cognitiva

Augusto Soares da Silva
Universidade Católica – Faculdade de Filosofia de Braga
(Ex-bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian)

1. 4 variedades de variação lexical

É da experiência comum que quando pretendemos nomear determinada coisa nos confrontamos muitas vezes, mais conscientemente ou menos, com várias alternativas lexicais. Ora, isto deve-se a quatro ordens de factores: primeiro, o facto de as palavras poderem significar várias coisas; segundo, o facto de um mesmo referente particular ou tipo de referente poder ser nomeado por várias categorias lexicais conceptualmente distintas (embora relacionadas); terceiro, o facto de um mesmo referente particular ou tipo de referente poder ser nomeado por várias palavras, as quais podem ou não diferir conceptual e semanticamente; por último, o facto de a escolha lexical poder ser influenciada por factores externos ou contextuais (estilísticos, geográficos ou sociais).

Passemos a designar estes quatro tipos de variação lexical por, respectivamente, (i) *variação semasiológica*, (ii) *variação onomasiológica*, (iii) *variação formal* e (iv) *variação externa*. Ao mesmo tempo, adiantamos já a ideia de que estas quatro variações se relacionam entre si.

No quadro da Semântica Cognitiva, e à luz do estudo pioneiro de Geeraerts *et al.* (1994)¹, em que participámos como espectador, procuraremos de seguida evidenciar as características estruturais destas quatro variedades de variação lexical, individualmente e na sua interacção.

2. Variação semasiológica e onomasiológica

2.1. Flexibilidade e diferenças de saliência

Tanto a estrutura semasiológica de uma palavra (isto é, a organização dos seus vários valores semânticos), como a estrutura onomasiológica de um campo lexical (isto é, a estrutura das suas diferentes categorias conceptuais) caracterizam-se por dois traços estruturais fundamentais: por um lado, a *não-discrissão* (ou flexibilidade) desses valores e dessas categorias, isto é, a ausência de limites nítidos entre uns ou entre outros; por outro lado, a *não-igualdade* estrutural desses valores e dessas categorias, isto é, os seus diferentes graus de saliência.

2.2. Variação semasiológica e prototipicidade

Antes de mais, cumpre notar que o domínio semasiológico envolve não apenas a variação semântica na forma de diferentes significados (isto é, a *polissemia*), mas também a variação referencial (ou *vaguidade*). Mas ao mesmo tempo, há que advertir que a distinção entre polissemia e vaguidade é instável e bem menos estrita do que "estruturalisticamente" se tem proposto (inclusivamente através da oposição *significação / designação*): o que se apresenta como diferentes significados, de um ponto de vista, pode, pelo contrário, ser considerado como instâncias de vaguidade, de um outro ponto de vista diferente. É assim que os vários critérios (lógicos, linguísticos e o critério aristotélico da definição) que têm sido propostos como testes operacionais, dão por vezes resultados contraditórios².

Variação semasiológica, tanto semântica como referencial, e prototipicidade (de um conceito ou categoria linguística) estão intimamente ligadas: a segunda constitui o princípio estrutural da primeira. A *prototipicidade*, ela própria uma noção prototípica, envolve quatro características ou efeitos, resultantes da correlação de duas dimensões: por um lado, a distinção entre *não-igualdade* e *não-discrissão* (de que falámos acima); por outro, a distinção entre o nível *intensional* (dos significados de um item lexical e da sua definição) e o nível *extensional* (do campo de aplicação referencial de um item lexical ou de um significado individual desse item).

Como se sistematiza na Figura 1, a não-igualdade semasiológica manifesta-se em duas características: extensionalmente, os diferentes

graus de saliência ou representatividade entre os membros de uma categoria (alguns são mais típicos ou representantes mais salientes do que outros); e intensionalmente, o agrupamento de significados em termos de "parecenças de família" (e na forma de "conjuntos radiais" de sobreposições). Por outro lado, a não-discrissão semasiológica tem também dois efeitos: extensionalmente, as dificuldades de demarcação e as flutuações nos limítrofes de uma categoria (o mesmo é dizer, a ausência de limites nítidos); e intensionalmente, a ausência de definições em termos de "condições necessárias e suficientes"³.

	EXTENSIONALMENTE (a nível referencial)	INTENSIONALMENTE (a nível dos significados)
NÃO-IGUALDADE (efeitos de saliência, estrutura interna centro-periferia)	(1) graus de saliência entre os membros de uma categoria	(2) agrupamento de significados em parecenças de família e conjuntos radiais de sobreposições
NÃO-DISCRICÃO (problemas de demarcação, aplicabilidade flexível)	(3) ausência de limites nítidos	(4) ausência de definições em termos de condições necessárias e suficientes

Figura 1

Quatro tipos de efeitos prototípicos

Estas quatro características da *prototipicidade* (ou estes quatro efeitos prototípicos) não são co-extensivos. Por exemplo, a categoria *ave*⁴, um dos primeiros exemplos de prototipicidade a ser estudado (no inglês, *bird*), apresenta as características (1), (2) e (4), mas não (3): isto é, a demarcação (a extensão) de *ave* é determinada (por exemplo, o morcego, embora possa ser tido por alguns como uma ave, não o é para os falantes suficientemente formados, mas o pinguim, esse sim, é uma ave); mas por outro lado, há elementos que representam exemplares mais típicos do que outros (o pardal é uma espécie prototípica, ao passo que o pinguim é uma espécie não-típica), e não é possível uma definição de *ave* em termos de condições necessárias e suficientes (traços como 'capacidade de voar', 'com penas', 'com asas' não são comuns a todas as espécies)⁵. Os termos de cor, tal como *vermelho*, caracterizam-se pelos dois efeitos prototípicos a nível extensional (1) e

(3), mas não pelos correspondentes intensionais: isto é, os limites entre diferentes cores são vagos e cada termo de cor é psicologicamente representado por cores focais, mas *vermelho* ou outro termo de cor é, intensionalmente, não-prototípico (porque preciso, claro). Um conceito matemático como *número ímpar* apresenta (apenas) a característica (1): embora seja claramente definível e delimitável, os números ímpares abaixo de 10 são psicologicamente mais típicos. E uma categoria tal como *fruto*, em seu sentido próprio e não-técnico, manifesta as quatro características de prototipicidade: membros mais típicos do que outros, uma estrutura de significados sobrepostos, uma definição não-discreta e, além de tudo isso, limites vagos (por exemplo, a azeitona e o coco são exemplares dúbios desta categoria).

Tomando uma outra categoria diferente, o verbo *deixar*, cuja análise (em curso) empreendemos, evidencia estes quatro efeitos prototípicos. Por um lado, ele não permite uma definição (clássica) em termos de condições necessárias e suficientes: algo como 'afastamento, separação' é ambíguo e algo como 'não (inter)agir' é extremamente genérico. Por outro lado, a sua estrutura compreende dois núcleos semânticos – (i) 'suspender a interacção' (afastar-se, abandonar, ceder, legar, etc.) e (ii) 'não intervir' (não impedir, permitir, largar-soltar, etc.) – estruturados por idênticas dimensões, inter-relacionados e com áreas de sobreposição. Por outro lado ainda, a delimitação entre estes dois núcleos não é nítida: casos como "deixar alguém na dúvida", "deixar alguém em paz" são de difícil categorização. Finalmente, cada um dos referidos núcleos contém significados mais típicos do que outros: por exemplo, 'suspender activamente a interacção não-espacial' (abandonar, transferir o direito de posse ou uso) é mais típico do que 'suspender a interacção espacial' (afastar-se, ir embora); e 'não intervir passivamente' (não impedir) é mais típico do que 'não intervir activamente' (permitir, largar-soltar); ou ainda, "deixar cair", "deixar alguém enganar-se" são casos periféricos de 'não intervir', e "deixar alguém na dúvida" representa uma instância não-típica de 'suspender a interacção'.

Quer isto dizer portanto que categorias como *deixar* e *fruto* são mais prototípicas do que *ave*, *vermelho* e *número ímpar*. Por outro lado, a característica (1) – graus de saliência ou representatividade – representa o efeito prototípico comum às categorias estruturadas em termos de prototipicidade.

2.3. Variação onomasiológica e "entrenchment"

Em primeiro lugar, cumpre notar que utilizamos o termo *onomasiologia* num sentido mais restrito do que o tradicional. Na verdade, há dois aspectos a ter em conta na selecção onomasiológica de um nome para um referente: a escolha da categoria conceptual para a identificação ou descrição do referente e a escolha do item lexical para a nomeação dessa categoria. Restringimos a perspectiva onomasiológica ao primeiro aspecto (e falamos de *variação formal* no segundo).

A este nível onomasiológico, a *não-discricção* reflecte-se, internamente, nas dificuldades de delimitação ou ausência de limites nítidos entre as categorias lexicais de um dado campo lexical, nas sobreposições, na existência de lacunas, e, externamente, nas dificuldades de delimitação ou ausência de limites claros entre esse campo e outros, e no facto de um determinado item lexical poder pertencer a vários campos ao mesmo tempo. A imagem estruturalista do léxico como um mosaico⁶ é pois insustentável.

Por exemplo, o campo lexical dos verbos de cozinhar do inglês, estudado por Lehrer (1974, 1990), não contém nenhuma palavra para nomear a acção de cozinhar um alimento numa panela sem água e sem gordura. Por outro lado, um termo como *boil* pode denotar ora qualquer acção de cozinhar com água, ora a acção típica de cozinhar, isto é, cozer um alimento submergindo-o em água a ferver. Onde, o facto de verbos como *simmer* (cozinhar brandamente até que a água ferva) e *steam* (cozinhar sem submergir o alimento, cozinhar no vapor), hipónimos de *boil* no primeiro sentido deste e co-hipónimos de *boil* no segundo sentido, representarem lexicalizações alternativas de instâncias periféricas do protótipo de *boil*.

Outro exemplo: o campo lexical de beleza, analisado por Duchácek (1959) para o francês, tem como área central termos como *belo*, *beleza*, *embelezar-se* e apresenta outros termos, que pertencem mais propriamente a campos adjacentes, como, por exemplo, *sedutor* (do campo da sedução), *maravilhoso* (do campo da magia), *sublime* (do campo da magnificência).

Retomando o verbo *deixar*, fácil é verificar que ele pertence a vários campos lexicais: ao campo psico-social das relações interpersonais (no sentido de 'abandonar'), ao campo da (mudança de) posse ('legar'), ao de movimento ('afastar-se', 'não se aproximar'), ao campo deôntico da permissividade ('permitir', 'não intervir'), etc. E todas estas (bem) diferentes categorizações estão inter-relacionadas.

Como segunda característica estrutural da variação onomasiológica, a *não-igualdade* das categorias de um campo lexical manifesta-se na existência de graus diferentes de "entrenchment" (literalmente, *entrincheiramento*), isto é, graus diferentes de saliência onomasiológica.

Várias experiências psicolinguísticas têm sugerido a ideia de que existe um nível de hierarquização lexical cognitivamente saliente, o qual se identifica em princípio com o nível genérico de uma taxionomia biológica popular. É o chamado "nível básico", ao qual pertencem categorias que do ponto de vista da aquisição são apreendidas em primeiro lugar; funcionalmente, são as mais rapidamente aplicadas e, linguisticamente, são expressas por termos morfologicamente curtos e simples. Por exemplo, *pinheiro* é cognitivamente mais saliente do que *árvore* ou *pinheiro manso*; *flor* é uma categoria básica em relação a *planta* ou *rosa*, por exemplo.

No entanto, esta "hipótese do nível básico", como nível de saliência onomasiológica, não é universalmente válida. E isto essencialmente porque a saliência onomasiológica pode situar-se a qualquer nível de uma hierarquia lexical. Tomando o conceito de "entrenchment" de Langacker (1987: 59-60), dir-se-á que determinada categoria é onomasiologicamente saliente se, através do uso, estiver firmemente "ancorada" no conhecimento linguístico dos falantes. Este conceito de saliência onomasiológica pode ser calculado como o "ratio" entre a frequência com que os membros de uma categoria lexical são nomeados por um item que é um nome único para essa categoria e a frequência total dessa categoria num "corpus". Por exemplo, a categoria 'ave' será saliente se, por exemplo, de um total de 100 referências a aves, 60% ou mais ocorrer com o nome *ave* e percentagens inferiores com outros nomes (*animal*, *pássaro*, *pardal*, etc.); ou então, a categoria 'pássaro' será mais saliente do que 'ave' se desse total de referências, o nome *pássaro* apresentar uma frequência superior.

3. Variação formal: factores determinantes da escolha lexical

Chegados a este ponto, tentemos responder à pergunta básica: dado um determinado referente particular ou tipo de referente, o que é que determina a escolha de uma forma lexical em detrimento de outra(s) para nomear esse referente? À falta de espaço para uma fun-

damentação empírica através de métodos estatísticos, a resposta que a seguir se apresenta será tão-só intuitiva e teórica⁷.

À parte factores externos ou contextuais, que depois referiremos, o que leva a optar, de entre várias formas lexicais possíveis para nomear um mesmo referente, por uma e não por outra ou outras, é a correlação de dois factores semânticos: a *prototipicidade* desse referente no campo de aplicação dessa forma lexical, por um lado, e o "entrenchment" (ou saliência) dessa forma como meio de nomear esse referente, por outro. Assim, quando temos que nomear determinada coisa, escolhemos preferencialmente, por um lado, e em termos semasiológicos, o item lexical relativamente ao qual esse referente é um representante típico, e, por outro, onomasiologicamente, o item lexical mais fortemente "entrenched" (saliente) relativamente a outros nomes alternativos para nomear esse referente. Quer isto dizer portanto que um determinado referente tende a ser mais facilmente expresso por uma categoria à qual pertença como membro prototípico, e/ou, ao mesmo tempo, por uma categoria com um grau elevado de saliência onomasiológica. Com efeito, é no mínimo intuível que um referente particular *r*, protótipo do nome *x*, seja frequentemente nomeado por *x*. Mas pode suceder que seja *y* o termo mais escolhido para nomear esse referente, não obstante a prototipicidade deste em relação a *x*, se entretanto *y* apresentar uma saliência onomasiológica tal que torne *x* menos próprio (menos acessível) para nomear o referente em causa.

Há um segundo aspecto da variação formal, que tem a ver com a estrutura formal dos itens escolhidos para nomear os referentes. Também aqui tal facto está intimamente relacionado com as características semasiológicas e onomasiológicas das categorias lexicais implicadas. Assim, semasiologicamente, o grau de prototipicidade de determinado traço semântico é inversamente proporcional à frequência com que esse traço é expresso como modificador numa expressão polilexical; e onomasiologicamente, regista-se igualmente uma correlação inversa entre o grau de saliência de uma categoria e a frequência com que ela é nomeada em termos de uma expressão polilexical. Por outras palavras, um traço semântico semasiologicamente prototípico ou uma categoria onomasiologicamente saliente tendem a ser nomeados por formas simples (monolexicais); pelo contrário, traços semânticos não-prototípicos ou categorias não-salientes tendem a ser nomeados por expressões polilexicais.

4. A variação externa e suas influências

A variação externa envolve quer características permanentes dos falantes, de natureza geográfica e sociolinguística, quer factores situacionais, de natureza pragmática. Estas duas espécies de factores externos podem influenciar qualquer uma das três variações anteriores (semasiológica, onomasiológica e formal).

Assim, factores pragmáticos podem condicionar o "entrenchment" onomasiológico. Por exemplo, podem ser utilizados termos genéricos (*pedra* para referir diamante, *animal* para cavalo) para se sugerir que se é um "expert" em relação ao domínio em causa ou se tem muita familiaridade com objectos desse domínio; para esses falantes a saliência semasiológica (por ex., a prototipicidade dos diamantes na extensão da categoria *pedra*) afecta a saliência onomasiológica (a escolha da palavra *pedra* para referir os diamantes). Outro exemplo: num texto, quando um referente é mencionado pela primeira vez, pode acontecer que, por razões de ordem identificadora, ele seja nomeado por um termo específico, e em referência posteriores passe a ser nomeado por um termo genérico, por razões de ordem económica; mas também pode acontecer o inverso.

Por seu turno, as características geográficas e sociolinguísticas dos falantes podem também influenciar a variação semasiológica e onomasiológica e podem ainda determinar a escolha de determinada forma para nomear um referente.

Tomando uma vez mais o verbo *deixar*, note-se como factores estilísticos influenciam a escolha entre *permitir* (termo mais formal) e *deixar* para nomear a acção de 'conceder permissão', bem como a escolha entre *abandonar* (termo afectivamente mais "carregado") e *deixar* (expressão eufemística) para nomear a acção de 'romper uma relação ou função'.

5. A estrutura da variação lexical

Como síntese do que fica dito, a Figura 2 representa a própria *estrutura* da variação lexical. A variação formal é pois determinada quer pela variação semântica (isto é, a variação semasiológica e onomasiológica), quer pela variação externa. E a variação externa influencia quer a variação formal, quer a variação semântica.

Para concluir, a escolha de determinada forma lexical para nomear um mesmo referente tem a ver, ora com a prototipicidade semasiológica desse referente como representante dessa forma e, simultaneamente, com o "entrenchment" onomasiológico dessa forma como categoria para nomear esse referente, ora com factores externos de natureza pragmática ou sociolinguística (geográfica e social).

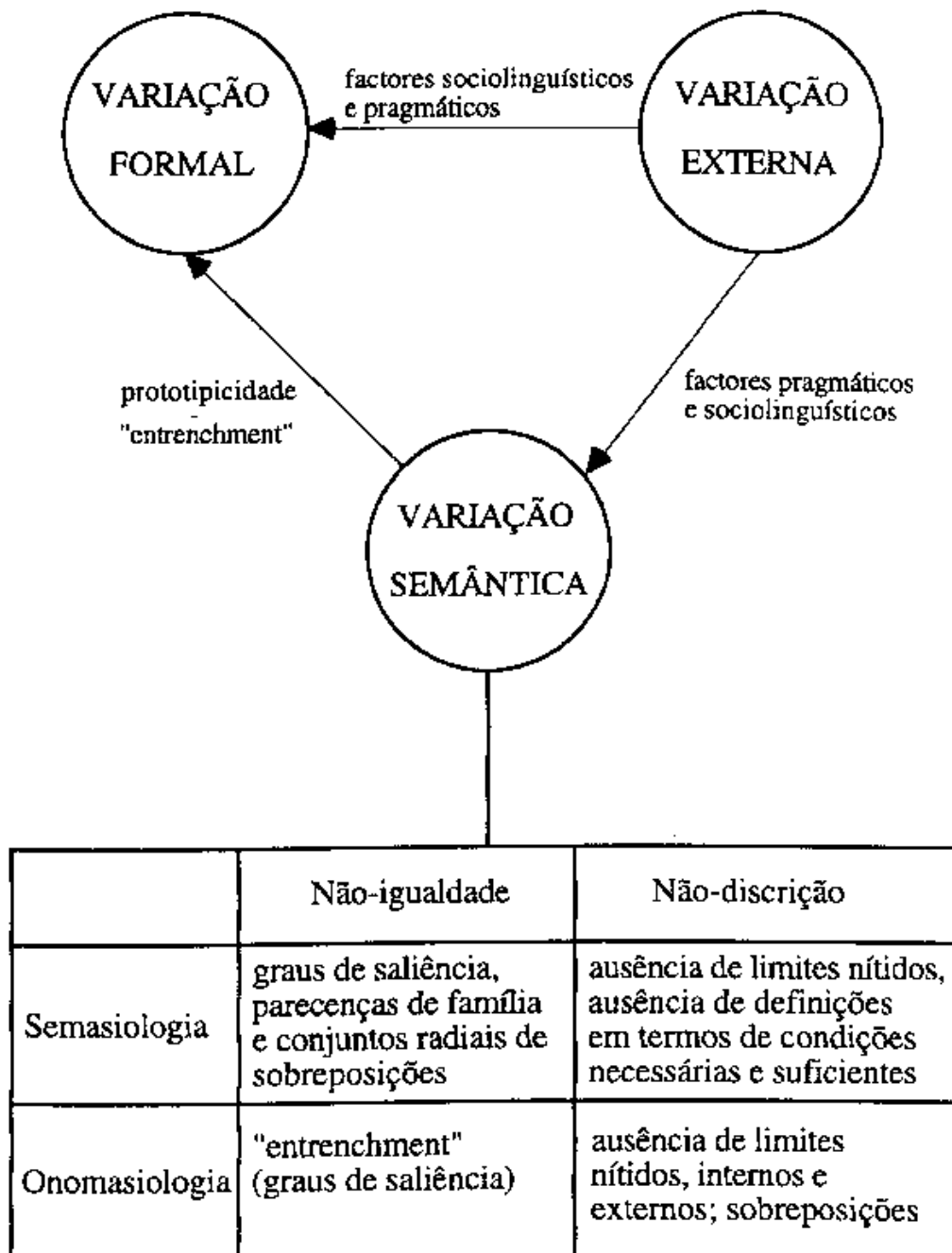


Figura 2 – A estrutura da variação lexical

Assim entendida a *estrutura da variação lexical*, esperamos que estudos descritivos a possam comprovar e, sobretudo, que ela possa contribuir para o desenvolvimento da Lexicologia do Português.

Notas

- ¹ Cujá base empírica é a análise de um "corpus" de termos de vestuário do neerlandês, elaborado a partir de várias revistas de moda belgas e holandesas.
- ² Por exemplo *cão*, como hiperónimo ("Canis familiaris" geral) e como hipónimo ("Canis familiaris" macho) é polissémico, de acordo com critérios lógicos: "É certo que Layka é um cão, mas ela não é um cão" (frase verdadeira); "O Bobby é um cão e a Layka também" (frase verdadeira ou falsa, conforme o sentido de *cão*). Mas segundo o critério da definição, trata-se antes de um caso de vaguidade, já que o emprego hiponímico é um sub-conjunto do emprego hiperonímico, e portanto não pode ser descrito por uma definição maximamente genérica. Outro exemplo, na frase "O jornal decidiu reduzir o seu tamanho", a palavra *jornal* designa, primeiro, a direcção e, depois, o objecto material feito de papel. Ora, a perfeita gramaticalidade desta frase, em que o item *jornal* tem um sentido e o elemento anafórico *seu* tem outro, mostra que, deste ponto de vista linguístico, *jornal* não é polissémico. Mas segundo o critério da definição, não parece ser possível encontrar uma definição segundo a qual 'direcção' e 'publicação material' caibam numa única categoria bem definida; logo, nesta perspectiva, *jornal* é um item polissémico.
- ³ A concepção prototípica das categorias desenvolveu-se, a partir dos meados dos anos 70, com os trabalhos psicolinguísticos de Eleanor Rosch; cf., por exemplo, Rosch & Mervis (1975) ou Rosch (1978). A caracterização da *prototipicidade* que aqui se apresenta (bem como a ilustração da prototipicidade da própria noção de prototipicidade, isto é, o facto de alguns itens lexicais manifestarem mais características prototípicas do que outros) foi inicialmente elaborada por Geeraerts (1989). Para uma síntese das possíveis origens dos efeitos prototípicos, cf. Lakoff (1987).
- ⁴ Que em português inclui a categoria *pássaro*.
- ⁵ Já que os pinguins e as avestruzes não podem voar, os pinguins não têm penas perceptíveis, etc.
- ⁶ Cf. Trier (1931).
- ⁷ Em Geeraerts *et al.* (1994), pode encontrar-se uma ampla e adequada fundamentação empírica (baseada na análise de termos de vestuário) do que a seguir se dirá.

Referências

- DUCHÁCEK, Otto (1959) – "Champ conceptuel de la beauté en français moderne", *Vox Romanica* 18, pp. 297-323.
- GEERAERTS, Dirk (1989) – "Prospects and problems of prototype theory", *Linguistics* 27, pp. 587-612.

- GEERAERTS, Dirk (1993) – "Vagueness's puzzles, polysemy's vagaries", *Cognitive Linguistics* 4-3, pp. 223-272.
- GEERAERTS, Dirk *et alii* (1994) – *The Structure of Lexical Variation. Meaning, naming, and context*, Berlin, Mouton de Gruyter.
- LAKOFF, George (1987) – *Women, Fire, and Dangerous Things. What categories reveal about the mind*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LANGACKER, Ronald W. (1987) – *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I, Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press.
- LEHRER, Adrienne (1974) – *Semantic fields and lexical structure*, Amsterdam, North Holland.
- LEHRER, Adrienne (1990) – "Prototype theory and its implications for lexical analysis", in Tsohatzidis, S (ed.), pp. 368-381.
- ROSCH, Eleanor (1978) – "Principles of categorization", in Rosch & Lloyd, pp. 27-48.
- ROSCH, Eleanor & LLOYD, B. (1978) – *Cognition and Categorization*, Hillsdale N.J., Lawrence Erlbaum.
- ROSCH, Eleanor & MERVIS, C. (1975) – "Family resemblances", *Cognitive Psychology* 7, pp. 573-605.
- TRIER, Jost (1931) – *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes*, Heidelberg, Winter.
- TSOHATZIDIS, S. (ed.) (1990) – *Meanings and Prototypes. Studies in linguistic categorization*, London & New York, Routledge.
- TUGGY, David (1993) – "Ambiguity, polysemy, and vagueness", *Cognitive Linguistics* 4-3, pp. 273-290.